

CAMÕES NOS PRELOS DE PORTUGAL E DA EUROPA (1569-2000)

A BIBLIOTECA CAMONIANA DE D. MANUEL II

José Augusto Cardoso Bernardes (Coordenador)

Hélio J. S. Alves

Isabel Almeida

Maria do Céu Fraga

Rui Afonso Mateus

Sheila Moura Hue

Thomas F. Earle

Vanda Anastácio

Imprensa da Universidade de Coimbra

2015



3. ENTRE 1801 E 1900: EDIÇÕES DA EPOPEIA NA BIBLIOTECA D. MANUEL II

Hélio J. S. Alves

Resumo

Ao passar em revista as edições d’*Os Lusíadas* do século XIX, verificámos a presença de dois fenómenos caracterizadores do trabalho editorial durante a maior parte da centúria: a permanência de um ideário neoclássico e o predomínio do hibridismo. A doutrina dum Camões romântico foi muito menos dominante do que normalmente se supõe, dada a pervivência das orientações e preocupações de rigor preceptivo retórico-poético e a rápida implementação, em torno do Tricentenário (1880), dum cientismo genético bem representativo do republicanismo da época. Em todo este processo, as edições foram combinando elementos de vária proveniência, lições textuais e aparatos paratextuais, raramente resultando em projectos autónomos e consistentes.

Summary

An examination of the editions of *Os Lusíadas* produced during the nineteenth century reveals two phenomena which characterize editorial work during most of the century: the permanence of Neoclassical ideals and the predominance of hybridity. The doctrine of a Romantic Camões was far less dominant than is normally supposed, due to conservative attitudes and an on-going preoccupation with rhetorical and poetic precept. In addition, around the third centenary of the poet’s death, there quickly arose a scientific approach very typical of the republicanism of the period. Throughout this process, editions combined elements from various sources, so that versions of the text and prefatory material rarely result in autonomous and consistent projects.

Se, no século anterior, a defesa e a crítica do Camões épico atingiram pontos marcantes de afirmação e de polémica, em que tanto se censuravam como defeitos as faltas em relação às regras da retórica e da poética clássicas, como se constatava já uma espécie de necessidade nacional de exaltar o poeta, o século XIX começou por assistir à continuação desse debate, muito para além do que seria, talvez, expectável. A mudança de século cronológico não tem, em princípio, de implicar uma mudança epistemológica. A viragem dum século, como a de Setecentos para Oitocentos, não altera forçosamente os dados dum questão. E o testemunho fornecido pelas edições de *Os Lusíadas* impressas durante grande

parte do século XIX supõe, com efeito, a revisitação frequente de *topica* de índole neoclássica.

A imagem geneticista de Camões, oriunda do Romantismo europeu em ascensão desde os finais da centúria anterior – em que *Os Lusíadas* fazem o papel de poema cíclico ou rapsódico, quer dizer, testemunho e consequência de raízes étnicas, vivência dum ambiência heróica identificada com o sentir colectivo da nação fundido com a biografia do poeta –, vai perpetuar-se na segunda metade do século em Antero de Quental (n. 1842) e seus contemporâneos (Teófilo Braga, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins etc.), indo até à geração de Fernando Pessoa (n. 1888) e às teses sobre a natureza da epopeia lusitana de Fidelino de Figueiredo (nascido no mesmo ano de Pessoa). Durante século e meio, então, pode dizer-se que triunfou – com sequelas evidentes até aos nossos dias – a perspectiva romântica dum poema, *Os Lusíadas*, como representante e produto directo dum idade heróica nacional e do mais genuíno *Volksgeist* português. O indesmentível predomínio e influência desta noção geral em décadas mais recentes terão resultado, é de supor, numa impressão geral do “nosso século XIX” como campo aberto entre a fundação do Romantismo nacional – não por acaso com um poema cujo tema era Camões – e a escola Realista dedicada a sovar nos semelhantes de Tomás de Alencar. Uma época encharcada de idealismos, portanto. O panorama das edições oitocentistas de Camões, em particular de *Os Lusíadas*, não permite, porém, uma imagem tão bem definida. E não o permite porque em quase toda a parte se vislumbram os sinais mais ou menos destacados da pervivência dos motivos de elogio e de censura que haviam vigorado durante o século XVIII e mesmo antes dele. Vejamos como.

A edição da Lacerdina, a mais antiga das edições oitocentistas pertencentes à colecção do Paço Ducal de Vila Viçosa – 1805 [24] – inclui, por advertência própria, a biografia do poeta e o “argumento histórico” d’*Os Lusíadas* extraídos do “Aparato Preliminar” com o qual Inácio Garcez Ferreira havia editado o poema épico de Camões em 1731-32 [21]. Nesta opção, não impressiona apenas a distância temporal de mais de setenta anos. A edição de Garcez Ferreira havia sido, talvez, a mais conspícua do século anterior, pela forma como interveio no debate crítico sobre o poema e como suscitou polémica, em particular alimentando as opiniões menos favoráveis a certos aspectos fundamentais d’*Os Lusíadas*.¹⁴⁶ O “aparato prelimi-

¹⁴⁶ As edições das *Obras* sob a responsabilidade de Tomás José de Aquino, em 1779 e 1782, causaram uma importante polémica setecentista, mas os mais influentes comentários a *Os Lusíadas* do século XVIII português foram